

## reportagem cultural

# Do futebol ao cinema, o estrelato por acaso

Marcello Campos, especial para o JC \*

“Ôla... Porr acase vóce gostar-rie de trrrabalharr en’un film?”. A pergunta em português afrancesado, certa noite em junho de 1958, interrompera um distraído Breno Mello a caminho do apartamento alugado no bairro do Flamengo. Superada a desconfiança de uma cantada gay, permitiu que o sujeito prosseguisse. Era um olheiro do cineasta parisiense Marcel Camus, em busca de candidatos a protagonista do longa-metragem que rodaria no Brasil: Orfeu Negro, adaptação da peça teatral Orfeu da Conceição (1954), criada por Vinicius de Moraes e que transpunha a lenda grega de Orfeu e Eurídice para uma favela do Rio de Janeiro no Carnaval, 26 séculos depois.

O avanço do Fluminense se encaixava perfeitamente nos requisitos divulgados em movimentadíssima campanha com apoio do jornal O Globo: “Jovem de 25 a 30 anos, mulato claro, ágil, pouco musculoso, altura de mais ou menos 1 metro e 75 centímetros, conhecedor das gingas do samba, simpático e de olhos

ternos”. Sem experiência em dramaturgia. Meio relutante, Breno se submeteu a “peneira” com outros 300 concorrentes na Maison de France (espécie de centro cultural e diplomático do país europeu no Centro da cidade) e, para surpresa geral, teve seu nome escolhido, semanas depois, frente a outros dois finalistas, ambos também não-atores.

Cerca de dois meses de ensaios e três de filmagem no Morro da Babilônia confirmaram a intuição da equipe sobre o acerto da escolha. O jogador gaúcho deu conta do recado, driblando com espontaneidade e fotogenia a falta de maior formação dramática para interpretar o músico, condutor de bondes e vértice de fatídico triângulo amoroso com a noiva, Mira, e a imigrante nordestina Eurídice - interpretadas pela carioca Lourdes Oliveira e a norte-americana Marpessa Dawn, ambas em início de carreira, assim como a coadjuvante Léa Garcia. Breno, aliás, não era o único atleta da fita: no papel da Morte (sem mostrar o rosto) estava o paulista Adhemar Ferreira da Silva, bicampeão olímpico do

salto-triplo.

Lançado mundialmente no primeiro semestre de 1959, Orphée Noir foi sucesso de público e dividiu opiniões entre os críticos, de narizes torcidos para a estética romantizada da pobreza ou rendidos à exuberância visual de um Rio de Janeiro ao som do samba e da emergente bossa nova. Na célebre trilha sonora, composições de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Luiz Bonfá e Antônio Maria - o próprio Breno aparece cantando e dedilhando Manhã de Carnaval e A Felicidade, em dublagem pelo cantor paulista Agostinho dos Santos e noções rudimentares de violão (por gentileza de um integrante do elenco) que levaria consigo pelo resto da vida.

Não bastasse o cachê de 1 milhão de cruzeiros (cerca de R\$ 80 mil em valores atuais), cerca de 50 vezes o vencimento com salário mais bichos no Flu, Breno alcançou de bate-pronto um estrelato que jamais experimentara nos gramados. Entrevistas à imprensa nacional e estrangeira. Recepções de gala. Viagens a Cuba, México, Paraguai e outros



Filme de 1959 venceu a Palma de Ouro, o Globo de Ouro e o Oscar

países. A visibilidade se potencializou no embalo do reconhecimento do longa de Marcel Camus com três conquistas arrasadoras: Palma de Ouro no Festival de

Cannes (1959), Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro (1960) e Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1960 (como produção francesa, embora rodada no Brasil).

## Entre torcidas e plateias

Quem não curtiu muito a nova fase foi o Fluminense, mesmo “indenizado” pelos produtores franceses em 100 mil cruzeiros durante o afastamento



Breno Mello no Renner nos anos 1950

temporário de um atleta raramente aproveitado nos titulares. Inicialmente fora de forma e com os pensamentos divididos entre futebol e cinema, o meia-atacante ainda disputaria diversas partidas até junho de 1959, quando uma eventual renovação de contrato acabou por não se concretizar. Havia um acordo firmado com a coprodutora brasileira de Orfeu Negro para novos projetos no cinema, mas a falência da empresa fez com que o plano imediato de prosseguimento de uma carreira internacional batesse na trave, aos 28 anos.

“Eu me considero realizado na profissão de atleta. Acima de tudo coloco o esporte e, se pudesse, não trocaria o futebol por nenhuma emoção cinematográfica, por maior que fosse”, garantiu na época ao carioca Jornal dos Sports. O período também foi marcado por incertezas e tentações, inclusive financeiras e boêmias, que murcharam

a bola inclusive na estabilidade familiar, antes que o choque de realidade colocasse as coisas novamente em ordem. “Pensei que aquela fama toda nunca acabaria e que o dinheiro durasse para sempre”, admitiria em uma de outras tantas entrevistas concedidas posteriormente.

Novos lances marcaram a primeira metade da década seguinte, sem o mesmo brilho anterior. Fora de forma e de chuteiras penduradas no Rio de Janeiro após sondagens infrutíferas de clubes como Botafogo e Olaria, Breno voltou para o Rio Grande do Sul em 1962. O cachê de Orfeu Negro permitira a compra de uma casa em Novo Hamburgo, onde já residia a família da esposa, Liège, e na qual se tornou atração em partidas do Esporte Clube Floriano. As glórias de Orfeu Negro ainda repercutiam: meses depois, foi escalado como protagonista de O Santo Místico, estreia do diretor francês Robert Mazoyer (que conhecera como

assistente no filme de Marcel Camus), em 1963.

Gravado na Bahia, o drama romântico teve Breno no papel de jovem pescador transformado em santo milagreiro pelo povo supersticioso de uma pequena ilha e que amarga a desilusão do casamento de sua amada (Léa Garcia, coadjuvante em Orfeu) com outro sujeito. Na trilha, novamente Vinicius de Moraes, Tom Jobim e Luiz Bonfá. A distribuição problemática contribuiu para o que o longa-metragem tivesse vida breve nas salas de exibição, porém rendeu convite para dois novos trabalhos nas telas, interrompendo a experiência como reserva de luxo no time do Água Verde, de Curitiba (PR), naquele mesmo ano.

O drama social Rata de Puerto (“Rato do Porto”) foi rodado em Buenos Aires, sob direção do



argentino René Mujica. Sem cópias hoje conhecidas, restam sinopses detalhando a atuação secundária de Breno como um padre em ambiente sórdido, incluindo ousada cena de nudez entre o sacerdote e uma prostituta, encarnada pela vedete Zulma Faiad. Já Os Vencidos (1965), único filme do mineiro Glauro Couto, teve o ator gaúcho ao lado de Jorge Doria, Eliezer Gomes e a musa franco-belga Annik Malvil, radicada no Brasil. Ela e Breno (de novo como pescador) dividem tórrida cena de amor inter-racial que resultou no carimbo de “proibido para menores de 18 anos”.